

# A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS BENEDITINAS DA DIVINA PROVIDÊNCIA NA CASA DA CRIANÇA - CRICIÚMA – SC-1945/1955

Zanandria Branco Biehl<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto apresenta e reflete a ação pedagógica das freiras da Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência em uma instituição de Educação Infantil, criada para atender crianças de 2 a 6 anos economicamente carentes de Criciúma e região. Tal educandário refere-se ao Jardim-de-Infância Casa da Criança que surgiu no cenário da cidade em 1945. Porém, é em 1952 que se estabelece definitivamente na cidade. Por meio de vários documentos busca-se compreender de que maneira se efetuava o trabalho pedagógico das Irmãs junto às crianças.

**Palavras-chave:** Criança. Infância. Jardim-de-Infância. Prática Pedagógica.

Para abordar a problemática proposta nesse artigo, faz-se necessário contextualizar o surgimento desse tipo de educandário no Brasil, bem como, situar um pouco a trajetória da Congregação responsável pela Casa da Criança, concepções de infância e criança e em seguida discutir o trabalho pedagógico desenvolvido pelas Irmãs, ou seja, sua atuação junto às crianças.

Em Criciúma, uma das primeiras experiências de Jardim-de-Infância, como programas educativos que buscavam atender as necessidades das crianças de 2 a 6 anos, foi a “Casa da Criança”, que surgiu em 1945 e em 1963 se transformou no colégio São Bento, situado no centro de Criciúma e dirigido de 1952 até hoje pela mesma Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência.<sup>2</sup> Para refletir uma “certa ação pedagógica” tradicional e que atendia a concepção de infância e criança predominante na metade do século XX, analisarei algumas atividades pedagógicas desenvolvidas pelas freiras.

As Irmãs Beneditinas da Divina Providência chegaram à cidade instalando-se ao lado da escola, numa casa construída para elas, que se dividia em um salão de festas, sanitários, dormitório e refeitório das Irmãs e um galpão onde funcionava o Jardim-de-

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciada em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. zanandria.biehl@hotmail.com. Orientadora Prof<sup>a</sup> M.Sc Marli de Oliveira Costa.

<sup>2</sup> Congregação fundada em 1849 na cidade de Voghera, Itália, pelas irmãs Schiapparoli. Chegou ao Brasil em 1936 na cidade de Nova Veneza SC.

Infância em 1952. Dia 15 de fevereiro de 1952 o Jardim-de-Infância recebeu novas instalações, onde atendia 93 crianças meninos e meninas.<sup>3</sup> A inauguração dessas instalações foi noticiada no Jornal Folha do Povo,

#### CASA DA CRIANÇA

Foi inaugurado no dia 15 com a presença das 4 irmãs Beneditinas (de Nóva (sic) Veneza), o JARDIM DA INFÂNCIA, no qual já estão matriculadas 93 crianças de ambos os sexos (sic).

Visitamos o recinto em todas suas dependências (sic) e, com agrado, constatamos boa ordem e higiene, estando perfeitamente aparelhado para a útil finalidade de amparo e educação da criança.

Mantém ambulatório médico, ativamente instalado para qualquer eventualidade, pois é de notar que em dados momentos, haja necessidade de recorrer aos exames (sic) dos menores e, estimular-lhes a saúde, com os recursos clínicos adotados nos maiores centros.

A casa da criança, só admitirá no JARDIM DA INFÂNCIA, os menores até 7anos de idade.<sup>4</sup>

Para desenvolver as atividades junto às crianças no novo prédio desse educandário foram nomeadas quatro Irmãs, foram elas; Irmã Gabriela de Bona Sartor como superiora, Irmã Bernadete Zanellato como diretora do Jardim-de-Infância, Irmã Isabel Amboni como professora e Irmã Aparecida como auxiliar.<sup>5</sup>

A história da educação infantil em Criciúma está associada à história da educação no Brasil e no mundo, pois

Um fato novo marcante na história da educação do mundo ocidental do século XIX foi a instituição das escolas infantis. Precedido, é bem verdade, por algumas experiências particulares esporádicas no início dos Oitocentos, foi W. F. Froebel, com o seu *Kindergarten* (1837), quem inventou não apenas uma instituição para proteger a criança, em sua primeira infância, mas também sistematizou programas para educá-la e instruí-la. ( MARCÍLIO, 2001, Prefácio).

Antes mesmo dos Jardins-de-Infância de Froebel tivemos na Europa ainda no final do século XVIII, instituições de educação para crianças de 0 a 6 anos, que surgiram especificamente para atender filhos/as de mães trabalhadoras pobres e se apresentaram originalmente educacionais tendo como primeira iniciativa a "escola de principiantes" ou "escola de tricotar" de Oberlin em 1769, na paróquia rural francesa de Ban-de-la-Roche (KUHLMANN JR., 2001, p.5). O Jardim-de-Infância teve ampla penetração em diversos

---

<sup>3</sup> Histórico do Colégio São Bento. Texto mimeo. s/d.

<sup>4</sup> Arquivo Histórico: Jornal Folha do Povo, 18 de Fevereiro de 1952.

<sup>5</sup> Histórico do Colégio São Bento. Texto mimeo. s/d.

países, no Brasil, antes mesmo da primeira creche ser pensada o Jardim-de-Infância já estava presente no cenário educacional brasileiro.

O primeiro Jardim-de-Infância no Brasil foi o Menezes Vieira (Rio de Janeiro) criado em 1875, seguido pelo da Escola Americana (São Paulo) em 1877 e do Caetano de Campos (São Paulo) em 1896, tendo este último uma especificidade interessante; ao contrário dos dois primeiros que eram do setor privado o Jardim-de-Infância anexo à escola normal Caetano de Campos fazia parte do setor público, mas mesmo tendo essa característica, atendia aos filhos da burguesia paulistana. Segundo a autora Luciana Esmeralda Ostetto (2000, p. 24),

A existência desses jardins (para crianças das famílias abastadas) revela uma duplicidade de propostas para o atendimento à criança pequena no Brasil: às crianças pobres, filhas de trabalhadoras, é atribuída **a creche**, estabelecimento de beneficência, para cuidar; às crianças das famílias de bens, é recomendado **o colo da mãe** e, quem sabe, quando um pouco maiores, **o jardim de infância** - que nada tem a ver com a creche! dizem ... É um **estabelecimento educacional**, essencialmente. (grifo da autora)

O Jardim-de-Infância de Froebel aparece no cenário das instituições infantis como aquele que detinha uma concepção pedagógica, contrapondo-se as outras instituições. Moysés Kuhlmann Jr. (2001, p.21) nos alerta para "exclusividade pedagógica" do sistema Froebel segundo esse autor não devemos deixar de pensar as outras instituições, principalmente as destinadas à classe popular como as creches, a partir de idéias pedagógicas. Ainda segundo o autor um estudo mais aprofundado nos mostra que a separação que se faz entre a creche e o Jardim-de-Infância em vários países é mais uma divisão de classe social do que ter um método pedagógico.

Os estudos que atribuem aos jardins-de-infância uma dimensão *educacional* e não *assistencial*, como outras instituições de educação infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância em instituições educacionais e o jardim-da-infância foi uma delas, assim como a creche e as escolas maternas. (KUHLMANN JR., 2001, p. 26).

O argumento central desse autor com relação essa "falsa polêmica"<sup>6</sup> é que o próprio assistencialismo já é representado como proposta educativa, proposta essa destinada a classe popular. "Uma educação que parte de uma concepção preconceituosa da pobreza e que,

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada por Luciana Esmeralda Ostetto em seu livro Educação Infantil em Florianópolis.

por meio de um atendimento de baixa qualidade, pretende preparar os atendidos para permanecer no lugar social a que estariam destinados".(KUHLMANN JR., 1998, p. 182-183).

Essas concepções que podemos encontrar em discursos como este retirado do Jornal Folha do Povo de 1951, através desse fragmento podemos estar pensando o olhar que a sociedade daquele tempo, ou parte dela tinha sobre a criança, evidenciando uma concepção de infância, ou atendimento a infância. "(...) em breve assumirão a regência da mesma instituição um grupo de mais ou menos, cinco Irmãs para vangloriar o recinto e, inspirar disciplina aos filhos dos pais póbres, (sic) afim de que, no amanhã, os mesmos filhos sejam úteis à coletividade e à pátria".<sup>7</sup>

A criança era considerada como um ser incompleto, como "vir a ser", futuro adulto, que precisa ser disciplinada. Sônia Kramer (1982, p.62) em seu livro "A política do Pré-Escolar no Brasil: a arte do disfarce" ao refletir sobre a trajetória da educação pré-escolar no Brasil reforça que se constituirá, "[...] a necessidade de preparar a criança de hoje para ser o homem de amanhã e [...]".

Comumente quando se pensa na criança imagina-se um ser diferente do adulto, diferença esta estabelecida pela falta de idade, maturidade além de ter certos comportamentos típicos. "Em outras palavras, ela é caracterizada, de hábito, segundo uma determinada natureza que se encontra em todas as crianças e que deve evoluir conforme atinja idades mais avançadas".(OSTETTO, 1992, P.17).

Porém, se retirarmos a idade, o limite entre criança e adulto é complexo, pois este limite está associado à cultura, ao momento histórico e aos papéis determinados pela sociedade. Estes papéis dependem da classe social-econômica em que está inserida a criança e sua família. Não tem como tratar a criança analisando somente sua "natureza infantil", desvinculando-a das relações sociais de produção existente na sua realidade. "O assim chamado 'sentimento de infância' é um fenômeno cultural próprio do nosso tempo. Um produto social bastante característico dos últimos três a quatro séculos, mais ou menos."(BUJES, 2002, P. 24).

A maioria das pessoas caracteriza a infância como um período peculiar de nossas vidas como algo inerente à condição humana. Segundo o historiador Philippe Ariés (1981) essa concepção, esse olhar diferenciado sobre a criança é denominado "sentimento moderno de infância" e teria iniciado com o fim da Idade Média, sendo inexistente na sociedade desse período.

---

<sup>7</sup> Arquivo Histórico: Jornal Folha do Povo, 24 de Dezembro de 1951.

O sentimento moderno de infância emergiu juntamente com as instituições família moderna e colégios que aparecem nesse cenário como proposta de educação e moralização infantil. A criança passou a ser alguém que precisava ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura e essa missão foi incumbida aos colégios.

Como vimos, os conceitos de criança, e de infância não corresponde a uma categoria universal, tendo sua concepção seu percurso na história. Logo, numa sociedade, numa mesma época têm-se diversos conceitos de infância. Moysés Kuhlmann e Rodrigo Fernandes (2004, p.18) colocam que “Assim como mudam os mais variados aspectos da atividade humana, a relação da sociedade com a infância não poderia permanecer estática”. Os autores trazem-nos duas perspectivas de se compreender a infância; "como representação do adulto ou como o período vivido pelo sujeito real que vive essa fase, a criança". Assim segundo esses autores, "[...] A *história da infância* seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade, e a *história da criança* seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade [...]".(2004 p.15).

Deste ponto de vista, com qual concordo não podemos considerar a criança em si mesma, e sim na relação com o adulto, com a sociedade e com a cultura. Partindo desse princípio e considerando a sociedade plural em que vivemos não será possível falarmos de uma criança ou de uma infância, vista como "[...] fenômeno universal, ‘aquela infância’, como quer a ideologia burguesa [...]" (OSTETTO, 1992, p.33), e sim das várias formas de ser criança e viver a infância,

[...] as das crianças de famílias ricas, filhas de fazendeiros; as das crianças filhas de funcionários, profissionais liberais, comerciantes das cidades; as das crianças filhas de imigrantes, operários ou trabalhadores rurais; as das crianças filhas de pequenos produtores rurais; os caipiras, caboclos, sitiantes et. (DEMARTINI, 2001, P.124).

Se pensarmos a infância como uma condição da criança, localizando-as nas relações sociais e reconhecendo-as como produtoras da história talvez, não ouviremos mais frases como: "aquela criança não teve infância", característica associada geralmente às crianças da classe popular. Entenderemos a infância de cada uma delas, pois, todas as crianças vivem uma infância. Não a do modelo burguês, visto as infâncias são construídas pela classe, gênero, e etnia e religião em que estão inseridas.

Podemos perceber que os conceitos de infância e criança tiveram seu percurso na história, isto é, essas categorias não são imóveis ao contrário foram construídas

historicamente. E é a partir da concepção que se tem de infância e criança que se organizou o atendimento assistencial a elas, como por exemplo, o de Criciúma.

### **AS CRIANÇAS NO JARDIM-DE-INFÂNCIA E AS IRMÃS.**

A Casa da Criança tinha intenção de observar a mesma função das creches, ou seja, atender as crianças para que suas mães pudessem trabalhar fora de seus lares, mas o que vimos pela tabela anterior é que essas mães na grande maioria eram esposas de comerciantes da cidade que optavam por deixar seus filhos e filhas no Jardim-de-Infância. Aquelas que não trabalhavam, deixavam seus filhos/as meio período. Todas se sentiam seguras para deixarem suas crianças, mesmo sendo por quatro horas, com pessoas estranhas, pois as professoras do educandário eram religiosas, e [...] Visto que inspirariam maior confiança e desenvolvimento, [...].<sup>8</sup>

Foi essa confiança que as religiosas inspiravam que fez com que essas mulheres confiassem seus filhos e filhas aos seus cuidados, mesmo o Jardim-de-Infância sendo uma instituição nova, principalmente na cidade de Criciúma. Segundo Moysés Kuhlmann Jr.(1998, p.82), ao falar sobre a criação dos Jardins-de-Infância diz que, "[...] A grande marca dessas instituições, a sua postulação como novidade, como proposta *moderna, científica* - palavras utilizadas fartamente nessa época de exaltação do progresso e da indústria". E o Jardim-de-Infância Casa da Criança foi um dos ou o primeiro Jardim-de-Infância na cidade, ou seja, uma das primeiras experiências em Educação Infantil na cidade, sendo que a procura por matrículas foi sempre muito grande. Como podemos constatar no relato da Irmã Bernadette Zanellato; "[...] e aí nós começamos e houve **uma grande fluência de matrículas, de Jardim e Pré** (grifo meu) [...]".<sup>9</sup>

Irmã Bernadete Zanellato recorre as suas lembranças para nos contar um pouco de sua história e do momento em que chegou em Criciúma e recomeçou as atividades na Casa da Criança, a Irmã lembra da grande busca por matrículas. Em 1952, ano que as Irmãs Beneditinas reiniciavam a Casa da Criança, neste momento o educandário contava com um total de 154 crianças meninos e meninas. Com relação às matrículas há uma contradição nas respostas das Irmãs entrevistadas, quando perguntei como eram feitas as matrículas, se havia uma seleção ou não de crianças, Irmã Bernadete me respondeu "Não. Todo mundo que

---

<sup>8</sup> Histórico do Colégio São Bento. Texto mimeo. s/d.

<sup>9</sup> Irmã Bernadete Zanellato, em entrevista concedida no dia 23 de julho de 2006.

chegasse tinha vaga, todo mundo ricos e pobres, [...]."<sup>10</sup> Já Irmã Maria Henriqueta responde; "A vaga era limitada né, [...], eram três professoras só, tinha um limite de matrículas [...]" Então perguntei se havia uma seleção de crianças, e ela responde: "Não Preenchia a vaga quem chegasse primeiro."<sup>11</sup>

Quanto ao funcionamento da Casa ela ficava aberta o dia inteiro da 8:00 ao 12:00 e das 13:30 as 17:00 tendo algumas poucas crianças que ficavam ao meio dia pra almoçar com as Irmãs e também passavam a tarde. Crianças que a Irmã Maria Henriqueta classifica como os Semi-internos, que os pais trabalhavam o dia todo, então as crianças ficavam ali traziam de manhã, e buscavam a noite." [...], mas era pouca gente que ficava, eram poucas crianças".<sup>12</sup> Talvez seja porque como afirma a própria irmã, era cobrada uma "tachinha" a mais destas famílias que os seus filhos e filhas ficavam o dia todo. E esporadicamente havia também os internos, crianças que a mãe ia para maternidade e não tinha aonde deixar seu filho e filha ou não queria deixar com a empregada, ou também os pais iam viajar e não queriam levar as crianças ficavam na Casa da Criança até que a mãe voltasse. "Tinha dormitório que a gente adaptava né, porque não era assim sempre, era esporádico quando precisava né, aqueles Gaidzinski quando eles viajavam, eles ficavam lá em casa."<sup>13</sup>

Claro que esse tratamento não era para todos, porque mãe grávida para ganhar bebê é que não faltava ou que precisasse de ajuda com as crianças para alguma eventualidade, mas esse privilégio de viajar, ir ao hospital ou resolver algum problema familiar e ter senhoras para cuidar de seus filhos e filhas pelo tempo necessário era só para "algumas famílias privilegiadas", como família Gaidzinski por exemplo.

Ao meio dia quase todos iam para casa, alguns só para almoçar logo voltavam, outros almoçavam ali mesmo, outros não voltavam à tarde, e algumas crianças vinham somente à tarde. As lembranças da Irmã Bernadete Zanellato volta-se para o momento da saída das crianças ao meio dia, ela conta que,

Ao meio dia elas iam embora, aí alguns que moravam mais perto mais mocinhos, iam sozinhos, mas a gente já sabia quem não podia ir sozinhos, a gente segurava no portão, aguardava, mas não passava de meio dia que todo mundo ia, por exemplo, lá na operária tinha um senhor lá que tinha os filhos, e ele tinha uma camionete grande

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Irmã Maria Henriqueta Pereira, em entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2006.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem.

ele levava a vizinhança toda, e não tinha um ônibus escolar como tem hoje, quem vê Criciúma naquele tempo, Criciúma agora e, aliás, toda realidade, mudou muito né.<sup>14</sup>

As crianças atendidas no Jardim-de-Infância Casa da Criança eram de 2 a 6 anos, algumas crianças de 2 e 3 anos ainda usavam fralda, e levavam suas as fraldas e as próprias Irmãs trocavam as crianças e lavavam as fraldas. Irmã Bernadete Zanellato relata que, "[...] trocava roupa toda hora porque havia muita criança pequena, às vezes eu dizia não sei se uma mãe já lavou tanto quanto eu, porque volta e meia tinha, eram crianças muito pequenas 2, 3 anos, volta e meia tinha um para trocar fralda, [...]".<sup>15</sup> A irmã nos conta que até 1956, o atendimento era somente até o pré, então quando a criança completasse os sete anos, como elas não ofereciam o primário as crianças iam para a primeira série no Lapagesse ou para "Dona Zucema",<sup>16</sup> uma professora que tinha o primário particular na sua residência.

Com relação às atividades realizadas durante o período em que as crianças ficavam no educandário foi possível perceber que mesmo tendo a denominação Jardim-de-Infância o sistema Froebel em nenhum momento foi citado pelas Irmãs. Segundo Norberto Dallabrida, (2001,p.145). "[...] Os colégios confessionais, dirigidos pelo clero católico ou por freiras, pautavam sua ação educativa a partir do discurso pedagógico de cada congregação religiosa".

Ao contrário, Irmã Bernadete Zanellato fala da sua inexperiência com relação a essa idade, "[...] eu também não tinha experiência para trabalhar com pequenos, porque aqui (Nova Veneza) eu trabalhava com quarta série, mas a gente ia vendo as necessidades a realidade ia se adaptando,[...]".<sup>17</sup> A Irmã também se refere a uma outra irmã italiana que havia tido muita experiência com crianças pequenas, morava em Nova Veneza e assessorava o grupo de Irmãs esclarecendo as dúvidas. Com relação a formação das professoras do Jardim-de-Infância Casa da Criança, Irmã Maria Henriqueta destaca que, "[...] naquele tempo era o Normal, até algumas tinha o Regional, Normal e Regional que era adotado em Santa Catarina né, que seria o magistério hoje, então é, esse era o curso que elas faziam, [...]"<sup>18</sup>

Através das entrevistas foi possível observar algumas ações pedagógicas como o trabalho lúdico; as brincadeiras no pátio e o faz-de-conta estavam muito presente no cotidiano das crianças do Jardim-de-Infância Casa da Criança. Recreios dirigidos; utilizado também para observação do comportamento das crianças. Reuniões com as famílias para solução de alguns problemas, mas também para exposição de atividades das crianças e festinhas reunindo

---

<sup>14</sup> Irmã Bernadete Zanellato, em entrevista concedida no dia 23 de julho de 2006.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Referindo-se a professora Azucema Povoas Carneiro.

<sup>17</sup> Irmã Bernadete Zanellato, em entrevista concedida no dia 23 de julho de 2006.

<sup>18</sup> Irmã Maria Henriqueta Pereira, em entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2006.

toda a comunidade escolar. Trabalhos manuais realizados com o material da Editora Melhoramento; tecelagem, bordado em cartão, cadernos quadriculados para escrita e desenho. A religião estava muito presente, não como aula específica, mas em todos os momentos das práticas pedagógicas. A Irmã Bernadete Zanellato relata algumas atividades realizadas pelas crianças desde o momento da chegada no educandário até momento de ir para casa;

No início as crianças brincavam, então nós tínhamos um galpão lá no fundo lá trás né, e tinha uma parte com assoalho num fundo tinha uma sala de aula e depois tinha um quadro bem grande com areia da praia, era o que as crianças mais gostavam de brincar na areia, [...]. E aí as crianças gostavam de brincar nessa areia, mas agente deixava até nove horas, depois a gente dava o sinal e aí reviravam em turminhas assim em sala de aula, durante mais ou menos uma hora, dez horas eles saia dava o lanche, cada um tinha sua lancheira aí tinha lugar para eles sentar, mas tudo muito precário não tinha como de hoje, lá no fundo em baixo do sinamão tinha um banco comprido, e aí todo mundo ia para cima do banco e agente ficava lá, tinha crianças que às vezes tinha que dá na boca, [...].[...] então as crianças iam pra lá, elas tinham suas horas de brinquedos, e a gente fazia trabalhos manuais com elas, daquela época havia não sei acho que agora nem existe mais a gente fazia muito bordado em cartão a gente comprava uns cartões da Editora Melhoramentos que vinha uns desenhos com os pontinhos marcados aonde devia furar com as agulhas e passar a linha e formava desenhos e as crianças gostavam muito de fazer aquilo, também os meninos, depois fazíamos a tal da tecelagem, agente comprava da editora melhoramentos vinha em quantidade e todas as cores já o papel já cortado com a tirinhas prontas só para laçar e aí as crianças criavam até desenhos assim né, e depois de início dava muito assim trabalho de escrever, desenhar em cadernos de quadrinhos, criar desenhos e no pré a gente começava assim uma breve alfabetização, de maneira que eles ficavam ali só ate completar os seis, sete anos depois eles saiam, porque nós não tínhamos mais. Ao meio dia elas iam embora, [...].<sup>19</sup>

Como podemos observar no relato da Irmã Bernadete Zanellato a partir do momento que a criança chegava no educandário ela passava a participar de várias atividades, atividades estas que eram controladas pelo o tempo, as crianças matriculadas na Casa da Criança segundo o autor Carlos Monarcha (2001 p.89) que escreve sobre um outro Jardim-de-Infância (Caetano de Campos - São Paulo), "[...] foram inseridas simultaneamente na esfera pública e em um tempo rigidamente demarcado pelo relógio. Em outras palavras, o tempo já não pertencia à infância, mas às jardineiras imbuídas de propósitos formativos. [...]" E o sinal, assim como o apito da fábrica, apresenta-se como o marcador desse tempo, de brincar, de lanche, de aprender, de ir embora...Norberto Dallabrida (2001, p.156) que escreve sobre o Colégio Catarinense, diz que "O controle do tempo era outra peça necessária e importante para o funcionamento eficiente da máquina disciplinar. [...]"

Falando em disciplina... Quando perguntei a Irmã Maria Henriqueta se na Educação Infantil havia algum tipo de disciplina, ela logo me respondeu: "a disciplina sim,

---

<sup>19</sup> Irmã Bernadete Zanellato, em entrevista concedida no dia 23 de julho de 2006.

porque era tudo na fila né, naquele tempo era sagrado, fazer a fila entravam as crianças, cada um já tinha conhecido o seu lugar, então eles entravam na sala tudo direitinho, [...]"

Segundo a mesma Irmã até os três anos as crianças brincavam mais no pátio, não tinham sala "era mais mesmo recreio". Aprendiam mais canto, a Irmã que ficava com as crianças dessa idade conversava muito com as crianças, faziam passeios, e a brincadeira predileta era na caixa de areia, eles ficavam tanto tempo lá que a Irmã que trabalhava com essa turma era chamada Irmã da Areia. Mas depois que completavam três anos, "eles já iam pra fila, já tinha aula. [...] eles iam para sala, pra aula [...]".No entanto, como relata a própria Irmã Maria Henriqueta, certamente comparando com o ensino primário; "Eles ficavam muito menos horas, muito menos horas eles ficavam em sala de aula né, eles ficavam mais no recreio, tinha parquinho, brincavam muito na areia e eles traziam os carrinhos de casa então ali cada um fazia uma ponte ou fazia isso ou aquilo, [...]".<sup>20</sup>

Apesar de focar práticas livres nas ações pedagógicas e que iam ao encontro da ludicidade, foi possível observar que o recreio também foi um instrumento de disciplina, ou seja, o recreio era utilizado para que as Irmãs observassem e avaliasse o comportamento das crianças, suas brincadeiras e a forma como elas se relacionavam com os seus colegas. "[...] recreios dirigidos, pra a gente ver como é que eles ficavam no pátio né, a criança mais agressiva, menos agressiva, mais colega mais assim, pra gente trabalhar com a criança que tinha alguma coisa, algum trabalho assim pra fazer [...]".<sup>21</sup> E era na tentativa de solução desses "problemas" as Irmãs da Casa da Criança marcavam reuniões com os pais para descobrir se essa criança que era problema no educandário, também era problema em casa com os pais;

[...], tinha reuniões para gente ver a avaliação da gente, às vezes tinha problema também, **pra ver se a criança também tinha problema em casa ou não**, porque não era tudo jóia né, aparecia problema também de resolver então a gente fazia reunião e as professoras também tomavam parte.<sup>22</sup>

Posso inferir que a criança que na fala da Irmã "tinha alguma coisa", ou seja, não entrava no modelo de criança, ou no modelo de comportamento de criança ideal, se tornava um problema para o educandário. Foi possível perceber através dos Cadernos de Matrículas do quadro de eliminação de crianças que entre as causas, esta a eliminação por "Incorrigibilidade". No dicionário da Língua Portuguesa *Incorrigível* é aquele ou aquela impossível de corrigir, incapaz de emenda, indócil. E assim a criança que se mostrava

---

<sup>20</sup> Irmã Maria Henriqueta Pereira, em entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2006.

<sup>21</sup> Irmã Maria Henriqueta Pereira, em entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2006.

<sup>22</sup> Id

"indócil" era eliminado, algo muito forte para instituição comandada por religiosas que ainda hoje têm entre seus Lemas: o **Promove e Integra** - e o **Acolher, Assistir e Educar**.

Nas atividades pedagógicas a Irmã Bernadete Zanellato destaca especialmente os trabalhos manuais realizados pelas crianças, privilegiando o bordado em cartão e a tecelagem, materiais prontos comprados de uma Editora, a Melhoramentos. Esses materiais utilizados nas atividades eram comprados pelas famílias das crianças. Contou que no pré além das atividades manuais, havia o ensino das letras "uma breve alfabetização", que em outros momentos a Irmã nos fala com orgulho do "ensino forte" que o educandário oferecia principalmente quando começaram com o ensino primário.

Segundo a Irmã Maria Henriqueta Pereira o uniforme era obrigatório para todas as crianças, e as próprias famílias compravam o tecido e faziam, destaca que às vezes comprava o tecido direto de São Paulo não tendo a comissão do lojista, elas vendiam mais barato para as famílias, e as próprias famílias escolhiam as suas costureiras, mas a Irmã alerta, "[...] com tanto que fizesse certinho né"<sup>23</sup>. Quando perguntei sobre as crianças que não podiam pagar a escola, se também tinham que fazer o uniforme, a Irmã respondeu: "Tinham, mas a gente ajudava né, tinha umas mães também que ajudavam, umas senhoras ali que ajudava, ninguém ficava sem uniforme."<sup>24</sup> A Irmã descreve como era uniforme das crianças,

Primeiro eles tinham uma saínda de brim banana, com uma jardineirinha com uma blusinha xadrez vermelha, e os meninos era xadrez azul, e calça era brim banana também, a calcinha curta né, e depois foi adotado quando eu estava lá ainda, quando nós mudamos o ginásio ai pussemos Grená que é até hoje.<sup>25</sup>

Com relação a religião a Irmã lembra que ensinava os primeiros princípios cristão e as coisas básicas de catequese, mas destaca que [...] dentro do próprio ensino geral, a gente colocava sempre Jesus, é assim uma vivência, não era uma catequese específica, ali dura, aula de religião, mas eles colocavam em tudo, na oração que se fazia cada dia [...] <sup>26</sup>, isto é essa dimensão religiosa esta inserida em todas as atividades, trabalhando também mesmo que indiretamente na formação moral dos meninos e meninas. Cantavam muito, rezavam juntos e a prática do silêncio era muito importante. A autora Maria Helena Bastos (2001, p. 59) cita que,

Assim como para Froebel, Menezes Vieira destaca a atenção a ser dada à educação moral, porque dela depende o bom ou mau uso que o homem há de fazer de suas forças físicas e intelectuais. Salienta que as faculdades morais em germe: o amor; a

---

<sup>23</sup> Irmã Maria Henriqueta Pereira, em entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2006.

<sup>24</sup> Id

<sup>25</sup> Id

<sup>26</sup> Irmã Bernadete Zanellato, em entrevista concedida no dia 23 de julho de 2006.

equidade; a vontade; desenvolvem-se muito melhor pelo exercício do que pela palavra: pelo exemplo, disciplina e instrução.

Quanto ao tema avaliação...perguntei a Irmã Maria Henriqueta Pereira se havia algum tipo de avaliação das crianças, a Irmã respondeu que não havia e explicou como elas realizavam: "A avaliação era assim, pela aprendizagem de cada um, porque um era mais lento na aprendizagem outro era rápido, mas como só podia entrar no primeiro ano com sete anos, era lei do Estado né, então pouca gente que furava essa lei, [...]"<sup>27</sup>.

Observa-se aqui que a preocupação principal é a primeira série. Em vários momentos de nossa história e para muitas pessoas, professores ou não, ainda hoje a educação pré-escolar é considerada a solução para os problemas da 1ª série, para o alto índice de repetência. Principalmente referentes à classe popular onde a proposta era a educação compensatória, proposta essa que parte da idéia de que a criança economicamente pobre é privada culturalmente, reforçando o preconceito com relação a criança e o meio social que ela vive, pois são os padrões culturais da cultura dominante que são tomada como a ideal. Assim "A família é considerada doente, o meio inadequado, a cultura, inferior". (KRAMER, 1982, p.105) Prática esta que infelizmente ainda acontece nas escolas brasileiras.

## **ANTES DA CONCLUSÃO**

As instituições que hoje são denominadas "educação infantil", ou seja, instituições educacionais para crianças de 0 a 6 anos, surgiram durante a primeira metade do século XIX na Europa, e na segunda metade do século XIX começaram a chegar no Brasil. Com o surgimento das instituições Creches e Jardins-de-Infância, começou o período, no qual houve maior proteção da infância, com a separação por faixa etária, prática essa que apresenta uma concepção "moderna de infância".

Desse modo percebe-se que no Jardim-de-Infância Casa da Criança a pedagogia usada buscava preparar para o mundo adulto, não considerando a criança em seu momento, com suas necessidades, curiosidades, capacidades..., mas o que seria no futuro. Mas mesmo tendo consciência que estavam trabalhando com crianças de 2 a 6 anos, podemos dizer que a inspiração religiosa era quem conduzia os trabalhos pedagógicos, embasados na moralidade e disciplina cristã.

---

<sup>27</sup> Irmã Maria Henriqueta Pereira, em entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2006.

**PRACTICAL THE PEDAGOGICAL ONE OF THE CONGREGATION OF  
SISTERS BENEDITINAS OF THE DIVINE STEP IN THE HOUSE OF THE CHILD -  
CRICIÚMA - SC-1945/1955**

**ABSTRACT**

This text presents and reflects the pedagogical action of the nuns of the Congregation of the Beneditinas Sisters of the Divine Step in an institution of Infantile Education, created to take care of to children of 2 the 6 economically devoid years of Criciúma and region. Such educational establishment mentions Garden-of-Infancy to it House of the Child who appeared in the scene of the city in 1945. However, it is in 1952 that it is established definitively in the city. By means of some documents one searches to understand how the pedagogical work of the Sisters next to the children was effected.

**Keywords:** Child. Infancy. Garden-of-Infancy. Practical Pedagogia.

**REFERÊNCIAS**

**Documentos e atas:**

Histórico do Colégio São Bento. Texto Mimeo. Criciúma. s/d.

**Entrevistas:**

Irmã Bernadete Zanellato, entrevista concedida em 23 de julho de 2006.

Irmã Maria Henriqueta Pereira, entrevista concedida em 04 de agosto de 2006.

**Periódicos:**

Jornal Folha do Povo, Criciúma, 24/12/1951. Arquivo Histórico de Criciúma/SC.

**Referências:**

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. São Paulo: LTC, 1981.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Trajetória. IN:\_\_\_\_\_ **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.13-27.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**: O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Sobre a história da infância. IN: KUHLMANN JR., Moysés e FERNANDES, Rogério. (Org.). **A infância e sua educação: Materiais, práticas e representações** (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.15-33.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Educando a infância brasileira. IN: KUHLMANN JR., Moysés. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.469-495.

MONARCHA, Carlos. Revista do jardim da Infância: uma publicação exemplar. IN: \_\_\_\_\_ (Org). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. p. 81-119.

MONARCHA, Carlos. O jardim-de-infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. IN: KUHLMANN Jr. Moysés. (Org.) **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 3-30.

MONARCHA, Carlos. Crianças como agentes do processo de alfabetização no final do século XIX e início do XX. IN: DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. (Org.) **Educação da infância brasileira 1875-1983**. p. 121-156.

MONARCHA, Carlos. Jardim de crianças: o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). IN: BASTOS, Helena Camara. (Org.) **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. p. 31-80.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil em Florianópolis: Retratos Históricos da Rede Municipal (1976-1996)** Florianópolis: Cidade futura, 2000.

\_\_\_\_\_**Natural versus social: a historicidade da infância**. IN: \_\_\_\_\_ **Imagens da Infância no Brasil: Crianças e infantes no Rio de Janeiro imperial**. (Dissertação de mestrado), UFSCAR, São Carlos, 1992. 17-34.